

TORCEDORES DE FUTEBOL E IDENTIDADE PÓS-NACIONAL NA NOVA NARRATIVA ARGENTINA

*SOCCKER SUPPORTERS AND THE POST-COLONIAL IDENTITY
IN THE NEW ARGENTINIAN NARRATIVE*

Ary Pimentel

RESUMO: Em um cenário de diásporas transnacionais e neotribalização das sociedades, os relatos do Estado-nação perdem muito de sua força. Observamos que, neste contexto onde a experiência comum e a memória compartilhada atuam na produção de comunidades vivas arraigadas a localidades ou a microterritórios, a cultura de massa deu lugar a um novo sentimento de pertença coletivo, evidenciando o potencial de certos fenômenos massivos para criar “comunidades imaginadas” em meio a um quadro de crescente fragmentação do sujeito. O futebol surge, então, como um espaço privilegiado para se estudar diferentes problemáticas de nossa sociedade e, em particular, as vinculadas às novas formas de sociabilidade e à construção de identidades locais. Nesse sentido, podemos pensar o “neotribalismo” como um fenômeno que reflete diferentes dimensões da vida social. O futebol e o ato de torcer estariam diretamente relacionados às tribos urbanas, como são definidos os agrupamentos que se organizam em torno de territórios e de mitos comuns. É isso que se busca pensar aqui a partir da leitura de três contos de narradores argentinos sobre torcedores de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: torcida de futebol; relatos identitários; nação; neotribalismo; ilha urbana.

ABSTRACT: *In a transnational diaspora and neo-tribalization of societies scenario, the nation-state account loses much of its force. We observe that, in this context where the usual experience and the shared memory acts producing live communities ingrained to locals or micro-territories, the mass-culture has given rise to a new sense of collective appurtenance, evidencing certain mass phenomena potentials to create ‘imagined communities’ amid a situation of increasing fragmentation of the subject. Football arises, thus, as a privileged field for studying various issues of our society and, in particular, those entailed to the new forms of sociability and to the construction of local identities. In this sense, one can reckon the “neo-tribalism” proposed by Michel Maffesoli as a phenomenon that reflects various social life dimensions. Football and the act of supporting would be directly related to the urban tribes, how are defined clusters which are organized around territories and common myths. It is all that, in this paper, is sought to think from the reading of three short stories by Argentine narrators about football fans.*

KEYWORDS: *football supporters; identitary accounts; nation; neo-tribalism; urban island.*

El fútbol es un espejo contradictorio de las sociedades que le prestan sus canchas.

JUAN VILLORO, *Dios es redondo*, p. 60

De algunos de los miembros de la tribu nunca supe siquiera los apellidos.

EDUARDO SACHERI, *Esperándolo a Tito*, p. 185

Este trabalho tem como objetivo examinar algumas dinâmicas culturais que emergem numa sociedade fragmentada através dos relatos de futebol, bem como pensar as novas figurações identitárias expressadas em narrativas nas quais o ato de torcer por uma equipe de futebol assume um papel protagônico. Com este texto, o que se buscou foi desenvolver uma interpretação de alguns aspectos do repertório de comportamentos da torcida de futebol por meio da leitura de três contos escritos por autores argentinos a partir da virada do século.

A crise dos Estados-nação alterou os cenários das identidades sociais e culturais que se tornaram cada vez mais fluidas, assumindo muitas vezes características “neotribais” (MAFFESOLI, 2010). Enquanto a identidade nacional perde muito de sua força, observamos que a cultura de massa originou um novo sentimento de pertença coletivo, evidenciando o potencial de certos fenômenos massivos como a música ou o futebol para criar comunidades em meio a uma cena contemporânea na qual domina a fragmentação do sujeito.

Neste contexto, o futebol surge como espaço privilegiado para se estudar diferentes problemáticas da sociedade e, em particular, aquelas vinculadas às novas formas de sociabilidade e à construção de identidades locais.

Desta maneira, não é difícil constatar como no âmbito do esporte de massas se constitui um “nós” que transcende a ação dos operadores do relato nacional, fato que se observa na medida em que, apesar da importância crescente das redes virtuais, a maior parte das interações de torcedores nas novas urbes dos tempos líquidos se desenvolve em ambientes locais como bares, esquinas ou clubes. Enquanto a ênfase da *imaginação comunitária* centrada no *microterritório* recai naquilo que se ancora nos *contatos face a face* e reforça a comunhão com a memória e os valores que o indivíduo partilha com os outros a partir de uma *experiência concreta* comum, a construção da identidade nacional atua justamente como cimento da coesão grupal entre sujeitos que habitam espaços muito distantes uns dos outros, vivem realidades bastante diferentes entre si e provavelmente nunca se encontrarão, sendo o ato de lembrar e esquecer muitas coisas em sintonia o que define esta narrativa da nação (ANDERSON, 2008). A condição fundamental para forjar a nação moderna como “comunidade imaginada” é justamente a existência de elementos

compartilhados atuando no sentido de atenuar a emergência do *eles* no interior do *nós*, o que leva sujeitos que nunca se viram a se sentirem ligados e pertencentes a um mesmo corpo. Como no caso do seringueiro acreano de que fala Mario de Andrade em “Acalanto do seringueiro”, o que importa é o que, para além das diferenças, faz dele, conforme nos diz o poeta, um “brasileiro que nem eu” (1987, p. 203), apesar do fato de que “nunca nos olhamos/ Nem ouvimos e nem nunca/ Nos ouviremos jamais.../ Não sabemos nada um do outro,/ Não nos veremos jamais!” (1987, p. 205).

Como uma espécie de atualização da noção de “comunidade imaginada” desenvolvida por Benedict Anderson (2008), agora como fenômeno relativo ao mundo do futebol, Alejandro Fabbri empresta à ideia de reconhecimento do desconhecido que integra a comunidade maior um novo sentido: “*comparto amores con innumerable cantidad de hinchas que no tienen nada que ver conmigo, pero tenemos el mismo amor por esos colores*” (FABBRI, 2006, p. 14). A fala de um torcedor do Peñarol no documentário *Manyas*, de Andrés Benvenuto, reforça essa concepção de uma comunhão edificada através dos relatos de torcida: “*En cualquier parte del mundo, te encontrarás con un hincha de Peñarol, no lo viste nunca en tu vida, y es tu hermano.*”¹

A forma como os torcedores se representam e são representados diz muito dos limites onde termina e onde começa o sentimento de pertencimento ao Estado-nação e a todo um universo de nações menores, *comunidades imaginadas locais* que, nos últimos tempos, começaram a ganhar cada vez mais espaço nas grandes urbes do mundo globalizado. Os relatos de coesão das novas *tribos urbanas* operam no plano da sociabilidade e das identidades locais. Podemos pensar o *neotribalismo* como um fenômeno que reflete diferentes dimensões da vida social de uma cidade ou mesmo de um país. Michel Maffesoli define tribos urbanas como agrupamentos que se organizam em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns. Essa teoria supõe a noção de *neotribalismo* como uma “comunidade emocional” ou “nebulosa afetiva” (MAFFESOLI, 2010).

Nesta espécie de *nuvem emocional*, que se assenta mas não se restringe à ilha de convivência face a face, refletem-se alguns elementos centrais da sociabilidade que origina o que chamaremos aqui de *pequenas nações*. Seria justamente a “nebulosa afetiva” a responsável pela produção de comunidades vivas arraigadas a localidades ou a microterritórios. Eduardo Archetti e Roberto DaMatta há muito sinalizaram as ricas possibilidades de se ler a nação a partir do futebol. O que pretendemos com este trabalho é um pouco diferente: pensamos que, diante da crise

1 Cf. *Manyas: la película*. Direção: Andrés Benvenuto. Uruguai, 2011. Documentário. 1h20min. O filme fala sobre os torcedores do time de futebol uruguaio Club Atlético Peñarol, conhecidos, entre outros nomes, como “*manyas*”.

das grandes narrativas e do Estado-nação, hoje nosso olhar poderia se concentrar mais na metáfora das “ilhas urbanas” proposta por Josefina Ludmer na mesma linha do fenômeno neotribal estudado por Michel Maffesoli.

Ao focar neste espaço social – simbólico ou concreto – que aglutina diferentes indivíduos em torno de uma identificação comum, a qual dá sentido às “comunidades imaginadas” que se estruturam a partir das identidades futebolísticas, queremos pensar as vivências dos torcedores em momentos intensos e significativos: quando a paixão pelo clube se reflete nas relações com filhos, pais, vizinhos ou amigos. É isso que podemos observar nos contos argentinos “El cuadro del Raulito” (2000) e “Señor Pastoriza” (2007), de Eduardo Sacheri, e “Hinchadahay una sola” (2008), de Alejandro Parisi. Mais do que uma pesquisa sobre futebol, pode-se dizer que esta é uma investigação sobre a identidade, os afetos, a sociabilidade e a noção de pertencimento das tribos de torcedores representadas no texto literário. Não nos interessa discutir aqui a construção de gênero (estilos de masculinidade) ou a violência entre facções de *ultras* ou *barrabravas*. Nosso foco não é o *hincha* profissional, mas o amante e entusiasta do futebol que, movido por uma paixão compartilhada, reserva uma posição central para o clube em suas rotinas domésticas e integra esse coletivo heterogêneo e de fronteiras indefinidas, composto por indivíduos de diferentes segmentos sociais, níveis culturais ou categorias profissionais. Trata-se de um *nós* que está para além das diferentes facções organizadas de torcedores militantes, da órbita de influência de um líder ou mesmo da categoria do *aguante*. O sentido das ações desses sujeitos se centra na paixão pelas cores do clube e na invenção de uma identidade grupal em torno do futebol. Quisemos circunscrever desde já o âmbito da pesquisa para diferenciá-la das muitas que se dedicam ao fenômeno dos *barrabravas* e suas práticas violentas, deixando claro que nosso foco são os torcedores que se distinguem pela presença que tem o futebol em seu cotidiano e não por sua participação em estruturas organizadas de torcida, gastos realizados para acompanhar os jogos longe de casa, sacrifícios da viagem, tempo entregue ao clube ou por ter *aguante*.

Nosso objetivo é extrair dos contos selecionados certas possibilidades de leitura que privilegiem elementos de coesão atuantes na reconfiguração de identidades fragmentárias através de relatos que ajudam a construir uma memória que é compartilhada por aqueles que integram a pequena nação ou tribo urbana dos torcedores de uma equipe local. Essa é uma comunidade imaginada constituída por torcedores que, radicalmente heterogêneos no que se refere ao território de origem ou à sua procedência social, pertencem à mesma *tribo* pela identificação comum aos rituais e a um acervo de símbolos, experiências, personagens e histórias compartilhadas com os demais integrantes desse *nós* da *família* de fãs de uma equipe.

A chave de leitura, para este caso, mais do que a masculinidade, a honra ou o *aguante*, parece ser a paixão e a memória compartilhada que dão sentido a milhares de existências em meio a um panorama pós-moderno marcado pela fragmentação identitária. O estudo da relação entre o futebol e os relatos identitários nos permite perceber como amplos setores desarraigados das grandes urbes surgidas da globalização encontram as possibilidades de fortalecer ou reconfigurar suas identidades nos cenários específicos relacionados ao ato de torcer. Defendemos, portanto, que os relatos de torcidas são fenômenos locais disseminados em escala continental ou global, permitindo aos indivíduos ressignificarem suas práticas cotidianas assentadas no microterritório como elemento de aglutinação e de invenção de uma identidade grupal.

O que nos propomos aqui é ver os reflexos destes processos que levaram à construção de identidades futebolísticas no cenário doméstico ou no privado expandido onde se travam as relações com familiares e amigos mais próximos. Ao discutir o modo como os sujeitos produzem significação a partir do espaço, Michel Maffesoli enfatiza a importância do território para a construção do “estar juntos” bem como para a compreensão do “homem em relação”. Segundo ele, esta é não apenas uma relação interindividual, mas também um vínculo que liga o sujeito “a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilh(a) com outros” (2010, p. 198). Ainda em Maffesoli encontramos uma interessante definição de “ilha urbana”. Diz o autor que: “a cidade contém em si outras entidades do mesmo gênero: bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas que vão se organizar em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns” (2010, p. 200).

Para Josefina Ludmer, a “ilha urbana”, nessa mesma linha de pensamento, “*es un mundo con reglas, leyes y sujetos específicos*” (2010, p. 131), um cenário de realidade/ficção onde os sujeitos constroem constantemente estratégias para entrar e sair sem que saibam já muito bem se estão dentro ou fora. Parece que estão, ao mesmo tempo, dentro e fora da nação, da cidade e da sociedade, formando uma nova comunidade, uma nova nação. E é esta *pequena nação* emergente que requer um novo relato.

Acreditamos que *ilhas urbanas* e *tribos urbanas* podem ser categorias pertinentes para se tentar dar conta do modo como se formam essas identidades que são ao mesmo tempo locais e nacionais. Para outros autores, como Michel de Certeau (2003, p. 169) e Edgar Morin (1999, p. 111), as *ilhas* ou *ilhotas* podem ser identificadas, por exemplo, nas torres comerciais bem como no grande edifício residencial caracterizado como unidade multifamiliar ou ainda na rede tecida pelas transmissões de rádio ou partidas de futebol televisadas que permitem a ouvintes e espectadores compartilhar uma mesma experiência desde vivendas unifamiliares situadas em diferentes áreas da cidade ou do país.

Os torcedores se transformam em consumidores de relatos e de espetáculos. Mas isso não se dá de modo absolutamente passivo. Baseando-nos nas estratégias de pesquisa colocadas em prática por Gastón Julián Gil (2007), aqui também “*se tomará nestos consumos como instancias de convivialidad que priorizan los estados de percepción común y el sentido comunitario de lo festivo*” (GIL, 2007, p. 23), atuando como combustíveis para a construção de identidades grupais. Conforme assinala Néstor García Canclini,

As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O *sentido e o sem sentido* do urbano *se formam*, entretanto, *quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema*; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 15. Grifo nosso.)

Ao longo das últimas décadas, foram elaboradas e colocadas em circulação narrativas de jornalistas e literatos em grande quantidade, num processo que desemboca na construção de identidades futebolísticas, identidades nacionais e identidades locais ou grupais. A mídia, especialmente através das transmissões esportivas, atua como catalizadora de potencialidades na construção de um imaginário comum, tornando coletivo um discurso que fundia os símbolos da tribo, os ideais do herói e a retórica do pertencimento.

O futebol reforça, assim, o aspecto tribal desta pequena nação na medida em que “*ritualiza la pasión*” (VILLORO, 2012, p. 24), e um dos aspectos principais deste rito é o ato de acompanhar o desenvolvimento de uma partida entre dois times, seja no estádio ou através das narrações da imprensa especializada.

Conforme assinala Marc Augé, a relação dos seres humanos com o real se modifica radicalmente mediante o efeito das representações em associação com as tecnologias e com a globalização (Cf. MARTÍN-BARBERO & REY, 2004, p. 21). Outro elemento digno de menção nessa hipótese que propõe também a importância das ficções (artísticas) para a circularidade que se observa entre o imaginário individual e o imaginário coletivo é o papel cada vez mais destacado dos relatos cotidianos, literários ou midiáticos para a constituição de novas comunidades. Na era da globalização, as narrativas se apresentam como a forma através da qual estas *comunidades* “controlam as lealdades primárias de populações, que também podem existir dentro das várias fronteiras nacionais” (APPADURAI, 2009, p. 28).

A influência dos meios de comunicação de massa não pode ser desprezada no processo que irá converter o esporte em um dos eixos da construção da nacionalidade e das novas identidades pós-nacionais. Transmissões de rádio e, especialmente, de televisão, verdadeira “*máquina cultural de la nacionalidad post moderna*” (LLOPIS GOIG, 2009, p. 13), podem ser tomadas como uma das formas

principais através das quais esses torcedores se representam, ao mesmo tempo que representam contrastivamente os demais.

A ação dos meios de comunicação contribui, assim, para a dramatização das tensões e para a produção de memória nos diferentes territórios em que se fragmentou a cidade, ou seja, ajudam a articular no corpo da grande urbe as “*micro-poles*” a que se refere Néstor García Canclini para falar das subunidades que constituem, dentro das megacidades, “os fragmentos que elegemos para ancorar nossa subjetividade, e a ação de grupos pequenos” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 17).

A narrativa da ilha urbana de que tratamos neste texto aparece associada aos repertórios do futebol no presente e no passado. É a memória do clube que interpela o torcedor, atuando neste processo de interpelação mesmo os fatos que ocorreram anos antes do nascimento do seguidor fanático de uma equipe.

Num contexto em que o crescimento da cidade tornou impossível uma ideia de conjunto ou unidade, bem como a interação entre as partes em que a urbe acabou por fragmenta-se, rádio, imprensa e televisão se encarregaram de distribuir relatos que integram sujeitos dispersos em diferentes territórios, dando alguma ideia de totalidade ou religando ilhas geograficamente muito afastadas umas das outras. A imagem de conjunto possível ou coesão da narrativa “nacional” ancorada nas “*micropolis*” surge como derivada dos relatos que os meios de comunicação produzem e colocam em circulação.

Segundo Marcelo Lopes de Souza (2001), o território pode ser definido como o espaço concreto em si, constituído por seus atributos naturais e socialmente construídos. O próprio território, nacional ou barrial, seria um “gerador de raízes e identidade” (SOUZA, 2001, p. 84). Para o geógrafo carioca, “um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inegavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, «paisagem»)” (SOUZA, 2001, p. 84).

Inúmeros pesquisadores que se debruçaram sobre o tema tal como ele se configurou desde as décadas finais do século XX destacaram o papel da família e do bairro na escolha do clube. Em *El nacimiento de una pasión*, Alejandro Fabbri chama a atenção para essa relação entre a identidade e o território: “*El amor a un club llega de pequeño, por gravitación familiar, de los amigos o de la zona donde uno vive. Difícil, casi imposible era conseguir años atrás que los muchachos de un barrio se hicieran hinchas de un club lejano.*” (FABBRI, 2006, p. 13).

Em seu primeiro livro de contos, *Esperándolo a Tito*, editado no ano 2000, Eduardo Sacheri, publica um conto (“De chilena”) no qual reconhece que a rivalidade clubística é “*uno de esos nudos de la historia que, para cuando uno nace, ya está nanudados. Lo único que le cabe al recién venido al mundo, si nació en el barrio,*

es tomar partido” (SACHERI, 2007a, p. 74). Em “El cuadro del Raulito”, publicado no mesmo *Esperándolo a Tito*, Sacheri mostra como, de modo geral, a memória compartilhada de uma coletividade passa primeiramente pelo espaço doméstico e pelo grupo familiar.

O personagem central de “El cuadro del Raulito” é o filho rebelde que resiste a integrar-se à torcida do mesmo “cuadro”, ou time, de seu pai. Apesar da rivalidade entre os clubes, pai e filho negociam sem grandes tensões a opção de torcer por equipes rivais.

Consciente de que seu papel de pai não lhe dá o direito de obrigar o filho a torcer por um determinado time, mas sem deixar de alimentar esperanças de que algum dia ele decida mudar para as cores de sua equipe, o pai, fanático torcedor do pequeno Huracán, procura não interferir nos sentimentos futebolísticos de Raulito e o deixa apaixonar-se livremente por aquele que virá a ser o seu time do coração, pois considera que amores não podem ser impostos ou mesmo escolhidos.

Vários outros familiares (tios, cunhados e primos) tentam influenciar Raulito em suas preferências clubísticas. O garoto começa a mergulhar no mundo das rivalidades e dos cantos de torcidas através do apelo destes familiares e dos vizinhos mais próximos.

Racionalmente, o pai reconhece que talvez seja melhor que Raulito acabe por ser torcedor de um time grande e não sofra como ele por anos e anos sem conquistas ou a humilhação do rebaixamento. A partir dos nove anos, os receios do pai se concretizam e Raulito começa a dizer que é torcedor do River, como o tio Hugo. Mas o que tinha de ser seria. Família aparentemente partida, o pai não dá *cartão vermelho* ao filho que virou torcedor da equipe rival. Fanático pelo Huracán, ele convida o filho para ouvir pelo rádio a partida entre Huracán e River. Torcem juntos, lado a lado, um pelo Huracán e o outro pelo River.

Neste momento, o pai desfruta da “*felicidade sencilla y robusta*” de participar do ritual de torcer junto com o filho, independentemente das preferências clubísticas. E, conforme nos diz o narrador, quase não se dá conta de que seu time “*iba perdiendo*” (SACHERI, 2007a, p. 90). Permanece assim, resignado e feliz, diante do placar de 3 x 2 para o River, até perceber que Raulito está sofrendo com esta vitória e torce desesperadamente pelo empate do Huracán:

con los brazos extendidos y las palmas abiertas, mezclando los chillidos de su voz de nene y los ronquidos incipientes de su madurez en ciernes, estaba el pibe, el pibe ya sin vueltas, ya sin chance alguna de retorno, ya *inoculado para siempre con el veneno dulce del amor perpetuo, ya ajeno para siempre a cualquier otra camiseta, más allá de cualquier dolor y de todas las glorias, dando al cielo el primer alarido franco de su vida.* (SACHERI, 2007a, p. 92. Grifo nosso.)

Após o término da partida, Raulito vai para o seu quarto chorar pela derrota daquele que definitivamente é o clube “*de sus amores*”. Nessa tarde se consolidam os vínculos entre pai e filho. Cumprir o rito de acompanhar a narração do jogo ao lado do pai é a completa realização do ato de torcer como condição para fazer parte de uma família maior. Nessa tarde o jovem amadurece e constrói o seu pertencimento a uma tribo que lhe outorga heróis, histórias e memórias. O futebol permite este tipo de sensações compartilhadas com o pai, mas também com vizinhos e desconhecidos que por um momento integram a mesma família. Ex-admirador do River, o garoto de doze anos agora será torcedor do Huracán pelo resto da vida. Nada mais verdadeiro do que a “tribo” de torcedores para aquele que nasce para a consciência da “comunidade emocional”:

El padre lo supo llorando a mares, y se regocijó en esas lágrimas. Porque uno puede decir que es de muchos cuadros. (...) Pero una vez que uno llora por un cuadro, la cosa está terminada. Ya no hay vuelta. No hay caso. De la alegría se puede volver, tal vez. Pero no de las lágrimas. Porque cuando uno sufre por su cuadro, tiene un agujero inentendible en las entrañas. Y no se lo llena nada. O mejor dicho, sólo se le llena con una cosa: con ganar el domingo que viene. *De manera que asunto concluido*. La suerte está echada. *Nosotros acá, el resto enfrente*. Algunos más amigos, otros menos. *Pero de este lado nosotros, los de acá, los que no tenemos en común, tal vez, victoria alguna, pero que compartimos las lágrimas de un montón de derrotas*. (SACHERI, 2007a, p. 93-94. Grifo nosso.)

Fiel às cores do clube e já indiferente aos resultados, Raulito assume que assistirá a jogos com pobres expectativas, tal como seu pai, que às vezes fica feliz com a marcação de um gol de honra. O escritor mexicano Juan Villoro, baseado na própria experiência de torcedor do pequeno Necaxa, lembra que “*la pasión por el juego no puede depender de los resultados, tantas veces adversos*” (2012, p. 17). Não há racionalidade envolvida no movimento que leva à integração a uma “nebulosa afetiva” (MAFFESOLI, 2010). Ainda de acordo com Juan Villoro,

Una vez elegido el club que determina el pulso de la sangre, no hay camino de regreso. (...) Nuestra inconstante realidad acepta mudanzas de ideología o vocación y acaba por ajustarse a las de sexo o religión después de alguna terapia. Pero es difícil traicionar la actividad que Javier Marías definió como «la recuperación semanal de la infancia». (VILLORO, 2012, p. 18)

Huracán não era uma equipe poderosa, “*que garantizara títulos y prometiera domingos fáciles*” (VILLORO, 2012, p. 19), mas não se trai a memória da infância, nem aqueles momentos mágicos ao lado do pai, convertido em um dos heróis da tribo vermelho e branca do time de Parque Patricios ou, mais que isso, em um ídolo mais íntimo que persiste e renasce a cada domingo na comunhão do ato de

torcer apesar dos fracos desempenhos da equipe. A paixão compartilhada com o pai, com os amigos e vizinhos do bairro é o amor pela camiseta e não uma consequência dos títulos ou da atuação dos grandes jogadores que usam a camiseta. E este amor muitas vezes é mais forte do que uma religião ou uma ideologia.

A impossibilidade de reorientação das vontades reafirma o lugar central ocupado por uma equipe de heróis sem cara que envergam o uniforme e por uma memória que não será abolida pelos piores resultados ou pelo rebaixamento à segunda divisão.

A obra de Sacheri está atravessada por várias marcas temáticas relacionadas ao mundo do futebol. Contudo, talvez uma das mais dominantes seja a presença da relação entre pais e filhos nos relatos de torcedores, como se pode observar em “Independiente, mi viejo y yo” ou “Señor Pastoriza”. Este último é precisamente um dos contos de Sacheri em que mais sobressai a relação com o Independiente como consciência de um diálogo entre gerações de torcedores em meio às quais a ponte é o clube.

Neste conto, Sacheri converte uma partida mítica em epopeia familiar que fará com que, juntamente com os onze jogadores e o técnico do Independiente, seu próprio pai entre para a memória da tribo e seja honrado, mesmo depois de sua morte, pela emoção de gerações de leitores.

A narrativa remete a algo que aconteceu anos antes, quando o enunciador ainda era uma criança. Agora homem feito, enquanto faz a barba, escuta uma notícia que o leva a escrever o texto que lemos. O destinatário impossível é também o elemento central do noticiário e dos fatos resgatados da infância, o Señor Pastoriza do título.

Forma de agradecimento tardio por algo que o referido senhor fez em janeiro 1978, quando era técnico do Independiente e comandou a equipe na final do campeonato argentino de 1977 contra Talleres de Córdoba, jogando na casa do adversário, o texto transforma em monumento precário, mas memorável, a figura de José Omar Pastoriza que morre de uma parada cardíaca naquela manhã de 2 de agosto de 2004 em que se situa a anúnciação do relato.

A façanha começou com o placar adverso construído pelo Talleres com um gol feito com a mão. O juiz não anulou o tento dos donos da casa, mas expulsou três jogadores do time visitante por reclamação. O restante da equipe se revoltou e decidiu abandonar o gramado. Neste momento, interveio o Señor Pastoriza, que os fez voltar a campo e lhes disse “*jueguen*”: “*Les dijo «juegue» y ellos le hicieron caso*” (SACHERI, 2007b, p. 186).

O enunciador do relato, mescla de testemunho e ficcionalização da memória, só foi saber da conquista do Independiente no dia seguinte. Era muito pequeno e a família o mandou para a casa de um tio no litoral, próximo a Mar del Plata.

Quando volta, o pai o recebe na porta de casa com suas relíquias futebolísticas: havia ali tudo o que era necessário para reencenar o jogo perdido pelo filho e para estabelecer um marco definitivo na memória deste, consolidando a relação entre os dois através da paixão de ambos pelo Independiente:

“Vení, tipito” me dijo. “Vení que te guardé todo”. Cosas que tiene la vida. Yo tenía diez años y él no podía decirme que se estaba muriendo. Pero podía ingeniárselas para preparar sobre la mesa todos los recortes de esa noche de fábula del 2 a 2 con ocho hombres, señor. *La Nación. Clarín. La Razón. El Gráfico. Goles.* (SACHERI, 2007b, p. 188).

Assim enuncia em seu monólogo o adulto que volta à infância para reviver os momentos sublimes protagonizados por seu pai e pelos “onze da tribo” (VILLORO, 1995) em um estádio distante. O clube de futebol é um elemento que ativa a memória pessoal e tem a capacidade de remontar esse tempo passado quando o pai, embora muito doente, compartilha com a criança daquela época suas alegrias de torcedor e as façanhas dos heróis da tribo. A heroicidade do Señor Pastoriza e dos jogadores do Independiente naquela jornada épica se confunde com a figura paterna e os dois, agora mortos, vão se fundindo e cristalizando um momento único que não passará à desmemória:

Y había otro recorte que hablaba de usted, señor Pastoriza. De cómo se plantó y los plantó y les dijo jueguen. Y en la noche de enero mi viejo me mostraba cada titular. Cada foto. Y yo miraba los recortes y lo miraba a él. Mierda que era invencible. Flaco y todo. Enfermo y todo. Medio muerto y todo. Señalaba con el dedo los papeles y el partido se levantaba desde la mesa para que yo lo viera. (SACHERI, 2007b, p. 188).

Este fragmento onde o pai reencena diante do filho o jogo que assistiu sozinho destaca o ato que lhe permite assumir um papel central na partida, fazendo com que a conquista do Independiente não possa mais ser recordada pelo filho sem que a figura paterna frequente esta memória. Aí é onde a morte fracassa em sua ação de apagamento definitivo e o pai a dribla ao associar-se às peripécias dos ídolos da tribo. O essencial é o que ocorre não no jogo, mas na dimensão do ritual da torcida. É no simulacro desta ação de torcer que, ao lado do pai, o filho realiza para si mesmo a passagem do tempo, a efemeridade dos indivíduos e a permanência dos heróis dignos de memória. Torcer juntos os faz consolidar os vínculos e imbrica os sentimentos, fazendo com que o amor filial remeta constantemente ao *amor* pelo Independiente, algo que passa de pai para filho e vai mediar para sempre a relação entre os dois.

O relato se estrutura como uma carta de agradecimento ou um diálogo íntimo com José Omar Pastoriza para agradecer não pelos três títulos nacionais conquistados pelo Independiente sob sua direção técnica ou pela Copa Libertadores de 1984,

mas pela oportunidade que esta partida gloriosa contra Talleres de Córdoba deu a uma criança de dez anos de viver uma experiência ímpar com seu pai: compartilhar a emoção de torcer juntos numa partida que o pai reencena só para ele e poder dar em sua companhia a última volta olímpica em torno da mesa da sala de jantar.

Ya ve que no es porque sí, que usted se muere y yo me acuerdo de estas cosas. Será más bien que *Independiente es un puente que perpetuamente me conduce a mi viejo*. Y bueno. *Usted estuvo siempre parado en ese puente*. Así que gracias, señor Pastoriza. Gracias y hasta siempre. (SACHERI, 2007b, p. 189. Grifo nosso.)

Assim termina o conto, com uma emoção contida e uma grande sobriedade ao tratar o delicado tema da perda e da morte, mas, como se dá em outras histórias de Sacheri, o que importa é o papel que tem o futebol na mediação das interações mais íntimas. Algo que ocorre não apenas nos contos, mas em sua própria vida. Quando o escritor encontra pessoalmente o seu maior ídolo, o jogador do Independiente Ricardo Bochini, que esteve entre os protagonistas daquela partida de janeiro de 1978, mais uma vez os laços entre futebol e literatura trazem à tona a memória do pai:

Yo no lo conocía. Lo conocí hace dos meses en la cancha de Independiente y me enmudecí. Lo saludé, le agradecí, no sé ni qué dije. El Bocha me dijo que le gustó un texto mío que se llama “Señor Pastoriza” que hablaba de un partido muy especial que él jugó (el cuento hace alusión al mítico partido que Independiente empató con Talleres en Córdoba por 2-2 con tres jugadores menos en 1978 tras una pared entre Bochini y Bertoni). *En el texto yo hablaba de la enfermedad de mi padre y él me empezó a contar del suyo*. Yo no podía creer que estuviera hablando con Bochini de su padre y del mío. Encima esa tarde Independiente le ganó a Racing y yo pensé ese día “el mundo es perfecto”. Claro que después perdimos contra Arsenal, Godoy Cruz y el mundo no era perfecto. (SACHERI, s.d. Grifo nosso.)

O conto, portanto, se inscreve no terreno indefinido no qual uma linha tênue separa realidade e ficção. Através da humanização do(s) herói(s), apresentado(s) em uma situação limite, Sacheri consegue criar uma profunda empatia com o leitor. O teor autobiográfico do relato engrandece a figura de Omar Pastoriza e magnifica o papel que o clube de futebol pode assumir na relação entre pai e filho. Embora reconheçamos a imprudência de se buscar checar a veracidade ou não do acontecimento narrado, já que o fato recriado na ficção não se configura como repetição da experiência vivida pelo autor, cabe destacar que é justamente a partir da perda do pai e da morte do Senhor Pastoriza que Eduardo Sacheri processa seus sentimentos e experiências para produzir um relato ficcional denso e comovente através do qual compartilha com os leitores parte do drama e da ternura que marcaram aquele momento.

Por último, tomaremos por base uma narrativa que revela os dilemas da “pós-modernização da identidade nacional” (GIULIANOTTI, 2002, p. 58), “*Hinchada hay una sola*” (“Torcida só existe uma”), de Alejandro Parisi. Entre os novos narradores que despontam após a crise de 2001, o futebol argentino continua sendo um universo interpelador que contém inúmeros elementos simbólicos e identitários. Conforme afirma Eduardo Sacheri em entrevista a Javier Gumucio, “*el fútbol es una buena puerta para hablar de cosas más importantes*” (SACHERI, s.d.).

O tema é a diáspora dos latino-americanos para terras europeias no século XXI, quando o que irá impulsionar as migrações transnacionais será o papel central das crises econômicas e da globalização numa era de mobilidade geográfica crescente. Na narrativa de Parisi, podemos observar como entre os migrantes latino-americanos que integram os fluxos para a Espanha e, mais precisamente, para a cidade de Barcelona, a produção da identidade remete às práticas cotidianas associadas ao encontro e à circulação de relatos produzidos pela mídia sobre o futebol como esporte internacional. No país estrangeiro, o que reforça o pertencimento das personagens já não são as narrativas épicas da geração militante que viveu o exílio nas décadas anteriores, mas as narrativas que giram em torno do futebol televisionado e da pelada dos finais de semana organizada com outros emigrantes conhecidos através da troca de e-mails ao longo da semana.

A partir de “*Hinchada hay una sola*”, podemos examinar os modos pelos quais as forças geradas pelos processos de migração ativaram novos recursos identitários. Em um contexto de profunda fragmentação, os *despaisados*² mantêm seus vínculos de identidade através de jogos semanais e do compartilhamento de um imaginário futebolístico alimentado por jogos televisionados.

No campinho da praça, os emigrantes sul-americanos disputam a bola e se sentem entre iguais. Por algumas poucas horas, voltam a se sentir em um território confortável onde não vivenciam o rechaço da vida cotidiana em Barcelona. Sintomaticamente, os peladeiros não conseguem outros times como adversários e jogam apenas nas partidas organizadas entre as duas equipes de “latino-americanos”. Tampouco conseguem integrar-se a outros times que jogam em horários diferentes do grupo segregado: “*llegué antes que el resto (sin contar al brasileño*

2 O termo *despaisado* é um neologismo produto da tradução do francês *dépaysé*, vocábulo que integra o título do livro de Tzvetan Todorov, *L'homme dépaysé (El hombre desplazado*, na tradução espanhola publicada em 1996). O *despaisado* é um fenômeno cultural que se tornou cada vez mais importante a partir das décadas finais do século XX com o crescente fluxo de pessoas que se mudam de seus países e se desenraízam de sua cultura de origem. *L'homme dépaysé* é um livro que lança um olhar sobre a condição do homem atual que por algum motivo já não pode viver entre os seus. O *homem despaisado* seria um homem desarraigado, aquele arrancado de seu contexto, de seu meio, de seu país.

claro, que estaba en la cancha desde las diez de la mañana sin haber conseguido participar en un solo partido)” (PARISI, 2008, p. 155). A pelada os devolve a uma nação possível, apesar de a quadra ficar a poucos metros de casa nessa mesma cidade onde todos têm escassos amigos e são tratados com contida hostilidade. Sem o amparo do grupo, que passaria a constituir uma pequena tribo em meio ao cenário hostil de uma sociedade atomizante, não encontravam um lugar ao qual integrar-se: *“de alguna manera, la falta de un grupo fijo para jugar al fútbol era un espejo exacto de mi situación general de emigrado”* (PARISI, 2008, p. 154).

Os personagens da trama são em sua quase totalidade naturais da América do Sul: argentinos, uruguaios e chilenos, além de um equatoriano, um venezuelano, um mexicano, um brasileiro e um marroquino. São músicos, atores de teatro, garçons, médicos, operadores de telemarketing, bombeiros hidráulicos, tradutores e estudantes de pós-graduação. Independentemente do país de origem, da profissão ou classe social, todos sofrem um alto grau de desenraizamento e vão encontrar no futebol um espaço propício para a construção de respostas ao seu afã de pertencimento. É nesse cenário onde a experiência dos indivíduos é cada vez mais diaspórica e a trama de relatos sobre a qual se assenta a vida cotidiana mais transnacional (ALABARCES, 2008, p. 153) que o futebol se converteu em símbolo em torno do qual *“las identidades nacionales-estatales también son desafiadas por el surgimiento de nuevas identidades de corte subestatal y supranacional”* (LLOPIS GOIG, 2009, p. 9).

Um dos principais operadores do relato identitário nacional, o futebol adquiriu novas dimensões que o convertem em um fenômeno local e supranacional. Sujeitos que não se sentem mais representados pela seleção nacional podem encontrar sua ancoragem identitária na equipe que se relaciona com o território de seu bairro ou de sua cidade, mesmo quando morando em um país estrangeiro. O sentimento de identificação com os clubes atua na recomposição das identidades coletivas, passando a equipe local a ser mais importante para os torcedores que qualquer seleção nacional. Por outro lado, em tempos de deslocamentos, exílios e diásporas, certas equipes podem estar vinculadas diretamente ao surgimento de identidades de caráter supranacional. Um bom exemplo pode ser o time do Barcelona. Numa das passagens mais significativas do conto *“Hinchada hay una sola”*, no que se refere ao papel do futebol para a construção identitária, podemos perceber a ressignificação do lugar do clube para estes torcedores em terra estrangeira:

A medida que llegaban los demás, cada uno con la camiseta de su equipo, comentábamos los resultados del Colo-Colo chileno, de Boca, River y Racing, de los Pumas de México, de Emelec, del Gremio de Porto Alegre... Sin embargo, *todos teníamos algo del Barça*: un par de medias, un llavero, un gorro, miles de modelos distintos de la

camiseta azulgrana que llevábamos para sentirnos parte de algo más cercano como el F. C. Barcelona, *un equipo ajeno, pero tan poderoso como para comprar a los mejores jugadores de todos nuestros países y ponerlos en el mismo campo de juego.* (PARISI, 2008, p. 155-156. Grifo nosso.)

Tal convergência de interesses, de memórias e paixões se produz em um universo no qual impera a desterritorialização e onde as comunidades começam a se reconfigurar, aglutinando-se em torno de um conjunto de elementos simbólicos a partir dos quais se ressalta que, mais do que o país de origem ou a memória nacional compartilhada, o que importa é a condição de não pertencimento que todos têm em comum em sua experiência presente em um país europeu. Este sentimento fluido de pertença a uma comunidade supranacional chega mesmo a desbordar as fronteiras territoriais da América Latina, as quais fundamentam e fortalecem a união dos *sudacas* em torno de um imaginário comum, permitindo que um africano integre o grupo como um igual.

A identificação com um time diferente daqueles que disputam o campeonato nacional em seu país de origem faz com que se desdobrem e, ao mesmo tempo, que se tornem mais difusos os laços com a comunidade imaginada. O esporte pós-nacional confere legitimidade a essa identidade centrada em relatos futebolísticos transnacionais. Em 1968, o presidente do Barcelona, Narcís de Carreras, deu uma definição que explicaria a capacidade do futebol de traduzir tanto a identidade nacional quanto a pós-nacional: “O Barça é mais do que um clube.” (Apud FRANCO JUNIOR, 2007, p. 85). O depoimento de um torcedor de Peñarol no documentário *Manyas*, de Andrés Benvenuto, é outro caso que ilustra bem o debilitamento dos lugares convencionais de afirmação da identidade nacional e o surgimento de relatos de reconfiguração identitária através do futebol, agora representado pelas equipes locais: “*Yo para mí, ser hincha de Peñarol es como ser hincha de la patria.*” (Apud FRANCO JUNIOR, 2007, p. 85). Já não é a nação que mobiliza a partir dos relatos do futebol, mas, ao contrário, o futebol de clubes que tem a capacidade de imaginar pequenas nações locais.

Diante de um forte desenraizamento dos sujeitos, foram criados novos marcos identitários ativados pelas narrativas futebolísticas difundidas pelos canais midiáticos. No conto de Alejandro Parisi, mais do que os fatos que protagonizam a realidade política, econômica ou social em seus distantes países, o que monopoliza a atenção do grupo de jogadores de pelada em seus encontros de sábado é a crônica esportiva e o desempenho dos compatriotas transferidos para o futebol europeu:

Si durante la semana nos indignábamos por las críticas de los diarios deportivos de España, dedicábamos la charla previa a nuestro partido a justificar a aquellos jugadores de nuestra tierra, consagrados o fracasados en las distintas Ligas de Europa. Con la

distancia que otorga el tiempo, supongo que eso era mucho más que un reflejo infantil: ¿acaso nosotros no habíamos abandonado también nuestros países con el sueño de triunfar en Europa? (PARISI, 2008, p. 156)

O Barcelona seria uma espécie de representante simbólico da pós-nação em um ambiente de intensos deslocamentos e de internacionalização do futebol. É o ponto de ancoragem de um relato que pode dar alguma coesão ao imaginário coletivo em um cenário de profunda fragmentação da identidade nacional como o que marca o cotidiano destes emigrantes. O futebol é capaz de catalisar suas reivindicações identitárias para além das lealdades a uma comunidade nacional antes dominante. Embora, em lugar de lembrar dos nomes dos companheiros de pelada, lembrassem apenas de sua nacionalidade, não se chamavam pelo respectivo gentílico, mas pelo nome de algum jogador famoso do país. Longe de suas terras, porém, podem unir-se em torno de uma equipe alheia. O relato da pátria de chuteiras já não os interpela. Convidados para assistir a um jogo da seleção equatoriana, todos declinam do convite, mas no dia marcado nenhum deixa de comparecer ao Camp Nou onde o contraste com os europeus os integra cada vez mais a uma mesma comunidade, fato que se expressa até mesmo na maneira de torcer:

- Mira los catalanes, están todos sentados – dijo Kavieres señalando la tribuna de enfrente.
 - Son unos amargos – dijo Marcelo, y comenzó a cantar -: El que no salta es un europeo, el que no salta es un europeo...
- Y todos, hasta los que estábamos tramitando la nacionalidad española, todos empezamos a saltar. (PARISI, 2008, p. 166)

A reconfiguração da identidade dos emigrantes se dá pela indistinção que os faz pertencer a um mesmo grupo (time ou torcida) e pela oposição aos sujeitos do espaço que lhes recusa assimilação. As barreiras de exclusão enfrentadas e os limites impostos ao processo de integração radicalizam a noção de estrangeiridade da *hinchada*, transformando a condição de desigualdade compartilhada por eles em elemento de identidade e integração. Observa-se aqui uma tendência massiva do processo de identificação com a torcida orientado no sentido de construir um vigoroso fenômeno psicológico que os dota de uma alma coletiva e os torna, por um momento, menos estrangeiros (Cf. MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 57). A pelada semanal pode promover a união e a posterior integração numa mesma torcida de indivíduos oriundos de diferentes países ou continentes. Contudo, é o ato de torcer, mais que a pelada de sábado, o que aplaca as angústias e repõe o sentimento de conforto por compartilhar da memória grupal a partir de uma experiência em que emerge a alma coletiva.

Rompeu-se a unidade entre os relatos do futebol e os do Estado-nação e neste contexto de desterritorialização, diásporas, deslocamentos e circulação de indivíduos, mercadorias e ideologias, os relatos do futebol emergem como uma categoria de *adscrição identitária*, associada a fronteiras menos fixas e a formas líquidas de imaginar a nação a partir de *experiências*, símbolos, sentimentos e crenças partilhadas.

A riqueza dos contos de Eduardo Sacheri e Alejandro Parisi como fonte de análise da *nebulosa emocional* que marca diferentes processos de interação está relacionada à ficcionalização de momentos em que se expressam os sentimentos mais fortes dos torcedores, os grandes investimentos de paixão, dando lugar no universo da cultura futebolística a uma reelaboração das afinidades desses sujeitos dentro e fora do grupo familiar.

O ato de ouvir a narração de um jogo ou assisti-lo no estádio se transforma numa espécie de ritual nestas três narrativas que refletem desejos de afirmação da identidade microlocalizada. A invenção de uma “comunidade imaginada” em torno do futebol, como assinala Pablo Alabarces, é um fenômeno propício para problematizar as narrativas da nação em tempos de globalização:

A articulação *tribal* das identidades futebolísticas argentinas contemporâneas significa uma colocação em cena – transbordante por sua massividade e transbordada por sua amplificação mediática – de segmentação e decomposição, tanto das sociedades contemporâneas como de seus relatos unificadores. (ALABARCES, 2002, p. 28)

Arjun Appadurai descreve a fluidez global dos capitais, mercadorias, povos e produtos culturais em *La modernidad desbordada* (2001), onde analisa o papel dos fluxos globais no emergente mundo pós-nacional. A fragmentação derivada desse processo de mobilidade geográfica é compensada com o desenvolvimento de identidades alternativas. Identidades essas construídas por negação ou oposição diante da rejeição enfrentada em terra estrangeira ou por contraste com outras que dividem o mesmo território, como se dá no caso das torcidas rivais. Segundo Appadurai,

O que é digno de menção sobre os novos fluxos de dinheiro, armas, informação, pessoas e ideologias através das fronteiras nacionais é que eles produzem formas de solidariedade que existem no mesmo plano político que as que são tradicionalmente monopolizadas pelo Estado-nação. (APPADURAI, 2009, p. 28)

Como característica da atual era de globalização, assistimos a uma inflação de identidades microlocalizadas e se processa um remodelamento das relações entre os grupos e indivíduos, o que acaba por traduzir-se nos relatos de futebol. No manejo da nova realidade por parte destes grupos arraigados a microterritórios,

destaca-se a apropriação dos símbolos *nacionais* e o desenvolvimento de sentimentos de pertença pela via do jogo e do ato de torcer.

Os três contos analisados acima registram momentos de clímax íntimo relacionados à ação do torcedor em uma esfera micro, mais privada, que se desenvolve no círculo familiar ou no âmbito de um pequeno grupo de amigos. Tais momentos, resultantes de verdadeiros fenômenos de catalização de energias e de comunhão com a massa, mostram como o processo de constituição das tribos penetrou até o ambiente familiar, ampliando o próprio sentido da família ao assimilar os seus integrantes a uma espécie de irmandade constituída por laços de solidariedade grupal.

Trata-se de uma disseminação do fenômeno das tribos do futebol a uma escala cada vez mais micro, que tem como cenários privilegiados residências, bares, praças e clubes das periferias dos grandes centros urbanos.

Encontramos no mundo da tribo dos onze muitas metáforas. Os três contos operam sobre os complexos elementos que atuam nos arquivos do futebol: a nostalgia da infância, as relações familiares, a identidade microlocalizada, o pertencimento a diferentes “comunidades imaginadas”. Conforme assinala Pablo Alabarces em *Fútbol y patria, “la persistencia de la nación en la globalización (...) al mismo tiempo radicaliza su tribalismo, o su localismo”* (2008, p. 18). Esse é, fundamentalmente, o núcleo temático que buscamos problematizar com este trabalho.

O futebol integra o universo das narrativas fragmentárias que ganham maior visibilidade com as tensões emergentes dos processos de tribalização e da crise da invenção de um relato único do Estado nacional. Diante dos fenômenos multifacetados da globalização e da pós-modernidade, destacam-se as particularidades da torcida como espaço de sociabilidade e articulação entre identidades. Criam-se laços de solidariedade no universo do torcedor que não são observados em outras interações sociais ou espaços coletivos. Ampliam-se os limites das práticas do futebol e do ato de torcer na era dos deslocamentos e da pós-nação, ganhando cada vez mais importância os relatos futebolísticos, uma das áreas privilegiadas onde se constroem os sentidos de pertença às tribos urbanas. Esses sentidos se assentam agora sobre relatos futebolísticos relacionados a um território mais próximo e mais restrito em suas dimensões, marcado pelo contato direto ou cara a cara, o que dá lugar para a emergência do clube de futebol local como espaço de performances identitárias e inviabiliza as possibilidades de sobrevivência de um relato unificador do Estado nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, Pablo. Cidadania e narrativas nacionais do futebol argentino contemporâneo. *ECO-PÓS*, vol. 5, n. 2, 2002, p. 27-36.
- _____. *Fútbol y patria: el fútbol en las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Mário de. Dois poemas acreanos. In: _____. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987, p. 203-206.
- APPADURAI, Arjun. *La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización*. Trad. Gustavo Remedi. Montevideo / Buenos Aires: Ediciones Trilce, Fondo de Cultura Económica, 2001.
- _____. *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO NETTO, José Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008, p. 15-31.
- GIL, Gastón Julián. *Hinchas en tránsito: violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior*. Mar del Plata: EUDEM, 2007.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio culturais do esporte das multidões*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- LLOPIS GOIG, Ramón. Fútbol, culturas nacionales y globalización. Perspectivas europeas y latinoamericanas. In: LLOPIS GOIG, Ramón (org.). *Fútbol postnacional: transformaciones sociales y culturales del “deporte global” en Europa y América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009, p. 7-15.
- LUDMER, Josefina. La ciudad: en la isla urbana. In: _____. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010, p. 127-148.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. 2. ed. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. v. 2: Necrose. Com a colaboração de Irene Nahoum. Trad. Agenor Soares Santos. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- SACHERI, Eduardo. El cuadro del Raulito. In: _____. *Esperándolo a Tito y otros cuentos de fútbol*. 14. ed. Buenos Aires: Galerna, 2007a, p. 87-95.
- _____. Señor Pastoriza. In: _____. *Un viejo que se pone de pie y otros cuentos*. 3. ed. Buenos Aires: Galerna, 2007b, p. 185-189.
- _____. *El dolor del fútbol es ilegítimo pero inevitable*. Entrevista a Nicolás Argentieri. In: *Publicable*. s.d. Disponível em: <<http://www.diariopublicable.com/futbol/1071-eduardo-sacheri-futbol-independiente.html>>. Última consulta: 19 de agosto de 2013.
- _____. *El fútbol es una buena puerta para hablar de cosas más importantes*. Entrevista a Javier Gumucio. In: *Publicable*. s.d. Disponível em: <<http://www.diariopublicable.com/futbol/1185-sacheri-futbol-fontanarrosa.html>>. Última consulta: 19 de agosto de 2013.
- PARISI, Alejandro. Hinchada hay una sola. In: GRILLO TRUBA, Diego (org.). *De puntín*. Los mejores narradores de la nueva generación escriben sobre fútbol. Buenos Aires: Mondadori: 2008, p. 153-168.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.
- TODOROV, Tzvetan. *El hombre desplazado*. Trad. Juana Salabert. Madrid: Taurus, 1996.
- VILLORO, Juan. *Dios es redondo*. 3. reimpresión. México, D.F.: Planeta, 2012.
- _____. *Los once de la tribu* (crónicas). México. D.F.: Aguilar, Nuevo Siglo, 1995.

Recebido em 19.08.2013

Aceito em 25.11.2013